



Jogo Duplo de Simulacros

Sílvia Regina Pinto*

Uma leitura do romance *Budapeste*, de Chico Buarque, publicado pela Companhia das Letras, em 2003, nos leva a acompanhar o gesto de duplicação a partir do qual a narrativa foi estruturada. Fazendo seu narrador e personagem principal – um *ghost-writer* apaixonado por línguas – oscilar entre a mesmice e a alteridade, a ficção buarquiana assume o risco de ser, simultaneamente, o mesmo e o outro, num jogo duplo de simulacros que não ocultam a verdade, como queria o mundo platônico, mas, ao contrário, evidenciam a subjetividade contemporânea em sua estranha sensação de estar fora do tempo e da história.

Num processo de espelhamento, desdobram-se as duplicidades que organizam o relato: José Costa no Rio de Janeiro e Zsoze Kósta em Budapeste; Vanda, mulher de José (no Rio) e Kriska, mulher de Zsoze (em Budapeste); Joaquinzinho, filho de Vanda e Pisti, filho de Kriska; Vanda e Vanessa, irmãs gêmeas; as duas cidades: Rio de Janeiro e Budapeste, sendo que esta última divide-se em Buda e Peste, metades separadas por um Danúbio que se bifurca e nunca é azul, a não ser no mapa da cidade, onde o viajante estrangeiro busca orientar-se.

José Costa, sócio da firma “Cunha & Costa Agência Cultural”, pós-graduado em Letras, produz todo tipo de texto sob encomenda, inclusive autobiografias e até mesmo romances que acabam se tornando *best-sellers*, um dos quais, de estrondoso sucesso, é o duplo do próprio *Budapeste*, como comprova o fato de ambos terminarem pela mesma frase desconcertante: “E a mulher amada, de quem eu já sorvera o leite, me

deu de beber a água com que havia lavado sua blusa”.

O romance mostra a cara do mundo atual, onde a questão pós-humanista descarta a metafísica, desconfia da imanência e passa ao largo dos sentidos únicos. Ao contrário do que imaginou Platão, chegamos a um tempo em que a proliferação de imagens com todos os seus efeitos – às vezes defeitos – especiais nos levam à percepção de que os simulacros não mais se opõem à verdade, agora eles são a própria realidade, contextualizando uma história geral que não mais caminha em linha reta rumo a dias melhores, mas sim evolui como as nuvens, em imagens virtualmente novas a cada momento, onde não há definição de cópias melhores nem piores ou mais verdadeiras, porque as imagens duplas habitam realidades paralelas, justapostas no deslizar das coisas, não em busca de transcendências, mas das complexidades da própria superfície.

O jogo de *ghost-writers* proposto por Chico Buarque, ressalta a possibilidade fantasmática de todo escritor de ficção, como sujeito que desliza pela realidade, podendo atravessar paredes, corpos e mentes, através da criação de significantes que fogem de seu papel apenas designativo para estabelecer a ‘diferença’ que nos insere, como num sonho (ou pesadelo), no mundo das imagens que tendem a encenar sua própria referencialidade porque já cortaram o fio que as ligaria a referentes já dados. Dessa maneira, a realidade está aí, mas já se tornou impossível desficcionalizá-la, ou, hierarquizá-la.

Assim, em *Budapeste*, vamos conviver com José Costa, ou Zsoze Kósta, personagem central do relato, com a responsabilidade de ser, ao mesmo tempo, o próprio e o outro, numa perfeita ambigüidade em que não se sabe mais quem é quem, isto é, quem é o dublador e quem é a coisa dublada. Um jogo de desterritorializações sucessivas os une e os lança num movimento de errância entre duas cidades totalmente opostas: Rio de Janeiro e Budapeste.

Qual das duas é a 'matriz', o 'domicílio', e qual delas representa a 'aventura', o próprio leitor terá que decidir, se estiver interessado nisso. Na verdade, cada uma das duas cidades pode ser vista como o sonho aventureiro da outra, não como interrupção da realidade, mas como uma estrada em que, de repente, o viajante passasse para outra, num tipo de bifurcação mágica inesperada, trançando-se um sonho a outro sonho, sem possibilidade de escape, ou seja, sem que adiante possa abrir uma porta de saída porque não há nada do lado de fora, uma vez que não existe lado de fora. Assim se explica porque as respectivas mulheres dos personagens nada sabem da duplicidade em que também estão inseridas, apesar dos longos períodos em que José / Zsoze se afasta de uma ou da outra para viver uma outra vida que além de simétrica, é também sintomaticamente dupla.

"O autor do meu livro não sou eu", repete o personagem, embora "a história por ele imaginada, de tão semelhante à minha, às vezes me parecia mais autêntica do que se eu próprio a tivesse escrito". Desse paradoxo do autor anônimo que se duplica e se esconde no escritor de sucesso, emergem as sutilezas das relações entre o autêntico e o falso na vida contemporânea. Por fim, o leitor, relutante, fecha o livro ainda sob o fascínio da excelência de Chico Buarque no trato com as palavras.

* Doutora em Letras pela PUC-RJ. Professora no programa de Pós-graduação e nos cursos de Graduação do Instituto de Letras da UERJ, vincula-se, atualmente, a pesquisas que articulam literatura e filosofia, principalmente estudando a narrativa ficcional das duas últimas décadas. É autora da tese *Temporaneidades.com.paisagens.br/ficção e filosofia no final do século XX*, e dos ensaios *Desmarcando territórios ficcionais: aventuras e perversões do narrador* e *Armadilhas de libertação e dominação*, recentemente publicados. E-mail: aiveis.isdn@uol.com.br